

## RETRATOS DE UM MUNDO EM PANDEMIA

**Evânio dos Santos Branquinho**

Universidade Federal de Alfenas, Alfenas, MG

E-mail: [esbranquinho@uol.com.br](mailto:esbranquinho@uol.com.br)

### I

A tragédia da pandemia no Brasil é o desenlace de uma trajetória manifesta antes da propagação do novo coronavírus. A sobreposição da crise sanitária às crises econômica e política aponta para níveis catastróficos de empobrecimento, desemprego e falta de perspectivas, quando muitos já desistiram de procurar um trabalho ou engrossam as fileiras do subemprego, no caso deste também não ser afetado.

As crises sempre foram momentos de reestruturações, acelerando e consolidando novas formas de produção e reprodução econômica e social, quando a pouca riqueza evapora das mãos de muitos e se concentra em segmentos que se beneficiaram desta crise, vide o *ecommerce*, o lucro dos bancos e das empresas de tecnologia da informação.

A precarização do trabalho avançou sobre as classes mais pobres e alcança a classe média, com a adaptação às pressas ao chamado *home office*, novas formas de exploração do trabalho doméstico, nas quais o empregado assume os custos, de onde deriva o eufemismo do trabalhador que virou “colaborador”. O futuro do trabalho ou o trabalho estilhaçado e sem futuro?

A reprodução reduzida ao nível da sobrevivência, ritmo e tempo da vida que se fundem ao tempo estrutural de reprodução do capital desvelam o momento crítico do próprio sistema socioeconômico.

Enquanto a população pobre não teve a opção de ficar em isolamento e se arriscou num transporte público lotado, a caminho de um trabalho precarizado. Ou mesmo o isolamento numa moradia superocupada também não é uma alternativa. Por isso a pandemia avançou pela periferia, onde fez mais vítimas. O vazio da atuação do poder público a essas camadas da população foi preenchido pela ideologia do empreendedor.

Na esfera política, e em tempos de redes sociais, a desinformação avançou tanto quanto a Covid-19, como no falso dilema entre a defesa da saúde ou da economia, no negacionismo da doença e na politização da vacina. Diversionismos sobre uma polarização extrema entre uma direita ultra conservadora e uma esquerda que procura se reestruturar, em

## Relato de Experiência

*Retratos de um mundo em pandemia. Evânio dos Santos Branquinho.*

um contexto que deriva ao esgarçamento social. A crise como representação também ofereceu aos dirigentes oportunistas a possibilidade de licitações de emergência, na construção de hospitais de campanha e compra de equipamentos, amplamente difundidos pelos meios de comunicação, até uma espetacularização da pandemia, na verdade revelou um processo fraudulento de compras.

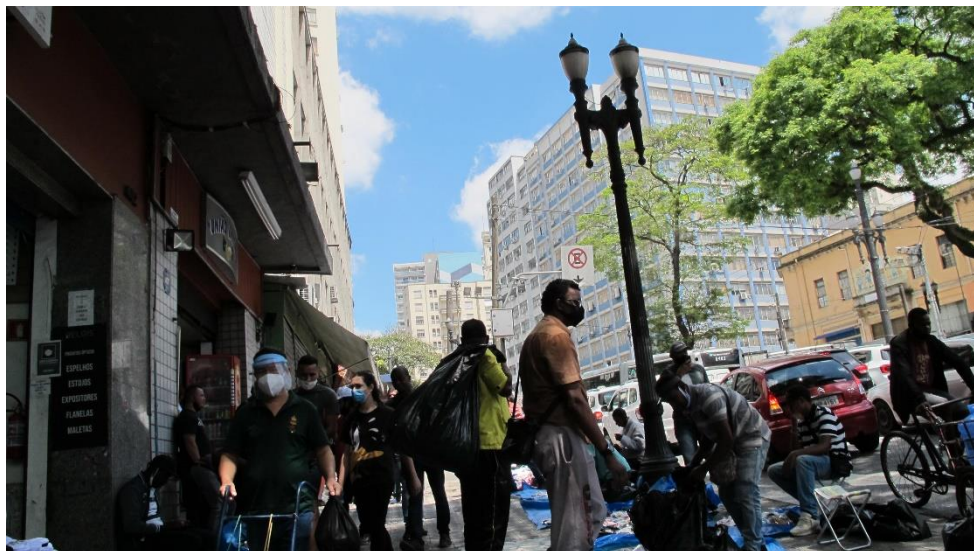


Figura 1 – Comércio informal nas proximidades da Rua 25 de Março, Centro de São Paulo. Fonte: o autor, 06.11.2020.

## II

A ciência natural moderna provou que o assim chamado ‘bairro malsão’, no qual estão confinados os trabalhadores, é o foco de onde se propagam todas as enfermidades contagiosas que de tempos em tempos se abatem sobre nossas cidades. Friedrich Engels<sup>1</sup>

Engels nos traz uma perspectiva histórica das epidemias nas cidades industrializadas ao final do século XIX. Como as reformas sanitaristas serviram de instrumento de planejamento e segregação das camadas mais pobres que afluíam aos centros em industrialização.

Por sua vez, Marx<sup>2</sup> empregou de modo recorrente a noção de “metabolismo”, seja na relação sociedade – natureza, através do trabalho, seja no “metabolismo social” através

---

<sup>1</sup> Friedrich Engels. **Sobre a questão da moradia**. São Paulo: Boitempo, 2015, p. 31.

<sup>2</sup> Karl Marx. **O capital: crítica da economia política**. São Paulo: Nova Cultural, 1988, Livro 1.

da intensificação dos processos de troca e do capital. Esta noção pode contribuir bastante no entendimento da articulação espaço, tempo e energia.

Ritmos naturais, sociais, tecnológicos e financeiros conectaram-se não de um modo muito equilibrado ao longo do tempo. Os resultados foram, dentre outros, as ocorrências de epidemias e pandemias, praticamente em ciclos. Na simultaneidade de um espaço mundializado, os ritmos alcançam a escala global, na velocidade que os vírus se propagam e seguem uma hierarquização através das redes. Refaz demais ritmos e acelera processos, como telesserviços, terceirização e precarização, os quais acentuam as desigualdades já existentes, em articulação aos processos de degradação ambiental. Pode-se citar como exemplo, a crescente de ocupação de áreas naturais, expondo populações a vírus que elas nunca tiveram contato e nem imunidade, como o ebola. A Ciência se apropriou do corpo, do DNA, empresas de biotecnologia patenteiam a própria vida, assim como o uso contínuo de antibióticos, produzindo ao final superbactérias, os impactos ocorrem em todas as escalas.

### III

Como referido anteriormente, a disseminação da covid-19 no Brasil, escancarou carências estruturais mas também de ações conjunturais mais recentes que acentuaram estes problemas.

As Políticas neoliberais de sucateamento do setor da ciência e tecnologia adotadas por Michel Temer (2016-2018), com cortes no orçamento já defasado em favor do mercado financeiro, aprofundadas no governo Bolsonaro, inclusive na produção de vacinas, setor que o país dominava, levando à dependência de empresas de transnacionais.

O negacionismo expresso em declarações contra o isolamento, a ausência de um plano de saúde efetivo para enfrentar a pandemia, a aquisição de cloroquina, medicação comprovadamente inócua para o tratamento da Covid-19, com pressões do Ministério da Saúde para sua prescrição.

O alinhamento na OMC com os EUA e empresas farmacêuticas contra a quebra de patentes dos componentes da vacina, posição defendida por China e Índia, os maiores produtores de vacinas no mundo

Declarações contra a vacina chinesa. Tudo isso, resultou em animosidades diplomáticas com esses países, nos acordos de compra, atrasos na entrega e na produção da vacina no Brasil, estendendo os prazos de imunização da população, no momento em que a

segunda onda da pandemia se agravava e o sistema de saúde entrava em colapso em vários estados. Além disso, o governo federal difundia uma não vacinação e apostava em tratamento preventivo da Covid-19, terapia sem comprovação de eficácia pela OMS.

Lefebvre identifica que o Estado moderno tem ao menos três dimensões: de *gestão* (que se estende até ao “privado”, controlado, integrado, programado); de *securitização* (seguridade social, espacial, moral); de *morte* (repressão, polícia, armamentos, planos militares, estratégias, etc.)<sup>3</sup>.

A política do atual governo brasileiro assume inegavelmente a dimensão estatal da morte em detrimento dos setores de gestão e securitização, quando os gastos anuais com a defesa aumentaram e os da educação, saúde e segurança foram reduzidos em 2020.

#### IV

Como podemos falar de uma situação de “novo normal” em meio a uma crise sem precedentes sanitária, econômica e política? Quando muitos morreram contaminados e muitos outros passam fome, pois perderam suas precárias formas de trabalho?

A não ser como uma estratégia de retomar uma ordem, de reproduzir um cotidiano em meio à crise avassaladora que se atravessa? O desespero de uma classe dominante e de suas mídias em forjarem às pressas um discurso de normalidade (injusto muito antes da pandemia), quando essa ordem torna-se mais injusta ainda? De restituir alguma cotidianidade, em função de ritmos de reprodução que foram desacelerados ou interrompidos.

Entretanto, a pandemia não apenas afetou ritmos cotidianos, mas na sua urgência, na irrupção do *momento*, desnudou a reprodução da sociedade como totalidade, o modo de reprodução e o seu fim injusto. Assim como os *possíveis* que se colocam e apontam na superação desse modo de reprodução socioeconômico.

#### V

A rápida disseminação do coronavírus da China para o restante do planeta demonstra como os processos de integração mundial tornaram-se eficientes. Demonstra igualmente como o espaço mundial é hierarquizado e desigual, onde o vírus circulou primeiro em áreas aeroportuárias de grandes centros econômicos e uma população de maior poder

---

<sup>3</sup> Henri Lefebvre. (1986). **Le retour de la dialectique**: 12 mots clefs pour le monde moderne. Paris: Messidor/Éditions Sociales, p. 27.

aquisitivo que circula nesses locais, para em seguida penetrar em cidades de menor expressão, no interior dos países, mas principalmente nas periferias, onde a precariedade sanitária acentuou o número de contaminados e de mortes. Os ritmos de propagação são, portanto, diferentes nas áreas centrais e nas periféricas, e mais ainda o seu combate, em função das precariedades médico-hospitalares.

É essa população periférica que reproduz, através de seu trabalho e expondo-se no transporte público, o cotidiano nas áreas centrais. Contraditoriamente, os mais segregados são os que não podem ficar em isolamento, e os mais expostos são os invisibilizados.

Outra questão é a rapidez que a vacina está sendo produzida, em relação a outros períodos históricos, há uma competição entre nações e empresas, as *Big Pharma*, pela dianteira na produção científica, técnica e comercial. Um ritmo acelerado que se impôs para a produção de uma vacina a fim de não interromper o ritmo da economia mundial.

## VI

O neoliberalismo que sempre defendeu uma política econômica de mínima ação do Estado, atualmente, em meio à crise, reivindica a intervenção, especialmente através de subsídios e crédito para manter a economia girando. Esse fato, demonstra a falácia neoliberal, pois o Estado nunca deixou de ser o garantidor dessa ordem econômica, principalmente durante as crises financeiras e catástrofes ambientais.

No Brasil, esse crédito praticamente não alcança as pequenas e médias empresas, que são as principais empregadoras, o resultado é a falência de muitas dessas firmas e ou o desemprego. A explosão de número de moradores de rua, famílias inteiras, durante a pandemia expõe essa situação de forma dramática.

“São sobretudo catástrofes, crises, que impõem tal renovação prematura do equipamento das empresas em grande escala social”<sup>4</sup>. Em momentos críticos como o atual, muitas empresas aproveitam para enxugarem custos, introduzindo novas tecnologias e métodos de gestão, reduzindo os salários e o número trabalhadores.

O fim da crise não implica a volta às condições trabalhistas anteriores e com a recontração de trabalhadores. A crise conjuntural alimenta o desemprego estrutural. E aqui não há falácia neoliberal, este regime aposta numa economia enxuta voltada para uma minoria de alto poder aquisitivo, a maioria resta a precarização. Conseqüentemente, o

---

<sup>4</sup> Karl Marx, *op. cit.*, Livro 2, p. 125.



acirramento das disparidades torna o Estado cada vez mais necessário para a gerir as tensões (auxílio emergencial), e também com este assumindo sua face violenta e totalitária na repressão aos mais pobres nas periferias, minorias e dissidências políticas.



Figura 2 – Pessoas em situação de rua instaladas em barracas na Praça da Sé, Centro de São Paulo. Fonte: o autor, 21.08.2021.

## VII

As questões ambientais alcançam a escala global, e colocam a emergência de pensar a reprodução nesta escala, as crises globais e mesmo a crise final do capitalismo, pois este alcança seus limites espaciais e ambientais de reprodução. Apesar do desenvolvimento tecnológico, ou em função deste, um ponto de não retorno da degradação ambiental, a exemplo das mudanças climáticas.

Debord, em *O planeta enfermo*<sup>5</sup>, não poderia ter sido mais preciso. As crises são imediatamente globais, sejam financeiras, sanitárias, ambientais, estas articulam-se e invariavelmente impactam com mais intensidade os mais pobres. Vide os níveis de concentração da riqueza mundial e que são acentuados pelas crises.

Os números da ciência nos conduziram à lógica e ao equilíbrio do quantitativo, mas a realidade, qualitativa, muito além da lógica, nos conduziu às crises e contradições, a dialética se impõe de forma inexorável.

---

<sup>5</sup> Guy Debord. *O Planeta Enfermo*. **Revista Sinal de Menos**, 2011, n. 2, p. 151- 159. Disponível em: <<https://sinaldemenos.org/2011/02/22/sinal-de-menos-2/>> Acesso em: 10/02/2021.

*Caderno Prudentino de Geografia, Presidente Prudente, n. 44, v. 3, p. 46-53, set./2022. Dossiê Temático “Geografia, Ensino e Pesquisa no transcurso da pandemia da Covid-19”. ISSN: 2176-5774*

O sistema econômico do crescimento infinito alcança seus limites. A acumulação por espoliação<sup>6</sup>, sempre presente em sua trajetória crítica, agora dá mais um passo, nas formas de exploração rudimentares ou em associação a estas. Todavia, revela um passo vacilante, a exemplo da crise da matriz dos combustíveis e sua transição ou na ascensão de uma nova potência mundial asiática. Qual direção aponta essas transformações de reestruturação produtiva e política no espaço mundial?

### **O que há por trás da máscara?**

Há um sorriso?

Receio que não, as pessoas andam assustadas

As ruas mais vazias, as lojas fechadas, as caras fechadas

A cidade como presença-ausência,

As pessoas, reduzidas ao nível da sobrevivência

O desemprego, a fome, o vírus, a doença, a morte logo ali na esquina

Na dor de quem agoniza às portas de um hospital sem vagas

Ou em uma UTI sem equipamento, onde se escolhe quem vive e quem morre

No vazio sem fim da morte não velada, a morte além da estatística

Quem se arrisca?

Aquele que não tem mais nada a perder, o desempregado, o sem-teto, o trabalhador espoliado que luta por um prato de comida

A máscara encardida, esgarçada; para quem a pandemia é mais um dos desafios e a morte sempre foi vizinha numa vida à deriva

Não há como se esconder atrás de uma máscara

Denuncia uma pandemia que não é igual para todos

O porteiro, a faxineira, o lixeiro... não têm a opção de ficar em casa

Invisíveis que tornam visíveis o trabalho – remoto – dos outros

O confinamento dos que podem. As máscaras sociais caem

E revelam uma sociedade doente, esgarçada,

Assolada há muito, antes da pandemia,

Pestilências de desgovernos, miasmas de cidadania

O que nos assusta?

---

<sup>6</sup> David Harvey. **O novo imperialismo**. São Paulo: Loyola, 2004.

Relato de Experiência

*Retratos de um mundo em pandemia. Evânio dos Santos Branquinho.*

O contato? O contágio? A saúde em colapso?

O olhar de quem perdeu tudo, inclusive a esperança

Desse fato, o confinamento não pode nos proteger

Tampouco o espaço virtual que nos confinamos, contaminado por desinformação

Muito menos uma máscara pode esconder

Ela mesma produzida nas oficinas da precarização